

## A COR LOCAL NO CONTO *A PARASITA AZUL*, DE MACHADO DE ASSIS.

Vizette Priscila SEIDEL

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – IBILCE

[vizetteps@gmail.com](mailto:vizetteps@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho pretende apresentar uma leitura da relação entre cor local e as categorias espaço-tempo no conto *A parasita azul*, de Machado de Assis, de 1872. Na época, sob influência romântica, havia uma cobrança para que os escritores adotassem a cor local de seu país. Dela, Machado de Assis não pode escapar, conforme nos mostrou John Gledson. Dessa forma, no conto, há descrições da natureza no padrão que, na época, os nossos românticos adotavam, mas, apesar disso, podemos pensar que esse conto seria sua resposta para tal cobrança e veremos como essa característica está presente no conto mencionado. Parece-nos que Machado de Assis faz referências à cor local de forma irônica. O fato de o escritor fluminense não acreditar que a literatura brasileira possa assim ser definida pela incorporação do exotismo, o que nos é revelado em seu artigo *Instinto da nacionalidade*, é um dos nossos principais indícios de que o ponto de vista ideológico do espaço-tempo em Machado, mesmo quando aparenta render-se à cor local, utiliza esse meio como forma de desconstrução do ideário romântico.

Palavras-chave: Machado de Assis; contos, cor local; Romantismo.

Este trabalho pretende apresentar a relação espaço-tempo no Brasil, durante o século XIX, a partir da análise do conto *A Parasita azul*, de Machado de Assis. Nessa época, o escritor fluminense também escreveu o artigo *Instinto de Nacionalidade*, no qual mostrou sua visão sobre o Romantismo brasileiro e sobre a busca de uma identidade nacional, especialmente ao se tentar desvincular a literatura brasileira da portuguesa, procurando, para tanto, referências nas de outros países, e, em especial, na francesa. Para efetuar a presente análise, serão utilizados o artigo de John Gledson, intitulado *1872: “A parasita azul” ficção, nacionalismo e paródia*, que aborda o modo como Machado ironizou certos conceitos românticos; o livro de Hélio Guimarães, *Os leitores de Machado de Assis*, que explica o que foi o projeto romântico brasileiro; e a obra *A produção social da identidade e diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva, que revela como, quando se gera uma identidade, gera-se também uma diferença; entre outros. Essas obras ajudarão a compreender de que forma se processou a busca pela identidade nacional durante um movimento literário muito importante, o Romantismo, e de que modo Machado de Assis trabalhou com as características da época, indo contra as mesmas, talvez por acreditar que não fossem adequadas à sociedade brasileira como um todo. É por intermédio dessas análises que se perceberá como se deu a relação entre a época, século XIX, e o espaço, Brasil, em questão.

Ao longo do século XIX, enquanto se buscava a identidade brasileira, constatou-se a necessidade de desvinculá-la da portuguesa, criando algo novo e próprio. No entanto, ao invés

dessa criação, o que ocorreu foi uma apropriação do modelo europeu, oferecendo-lhe, como diferencial, apenas uma cor local. A maior prova disso talvez seja o fato de o índio brasileiro se parecer tanto com o cavaleiro medieval europeu. Nesse ponto, é importante lembrar que a identidade é uma criação cultural e social, ou seja, que quem produz as classificações existentes é a sociedade, e que foi graças a esse condicionamento social que se escolheu o índio, e não o negro, como representante da sociedade brasileira.

Tendo isso em vista, vale mencionar ainda que Machado de Assis denunciava a sociedade de sua época ao manifestar, por exemplo, sua opinião sobre a construção da identidade brasileira, tanto por intermédio do artigo acima referido, quanto de seus textos literários. Foi nessa conjuntura social que o autor fluminense publicou vários de seus contos no *Jornal das Famílias*. Pelo acima mencionado, a publicação machadiana nesse periódico deve ser analisada cuidadosamente, já que as diretrizes desse jornal obrigariam, o então jovem escritor, a seguir um determinado perfil e a manter a mesma linha ideológica adotada por outros colaboradores. Nesse ponto, faz-se importante falar um pouco sobre o *Jornal das Famílias*, criado pelo francês Baptiste-Louis Garnier, um dos maiores editores do século XIX, no Brasil. Sempre atento aos interesses de seus leitores, Garnier iniciou sua vida profissional como editor, no Brasil, com a *Revista Popular* (1858-1862), a qual, posteriormente, passou a se chamar *Jornal das Famílias* (1863-1878). Este circulou durante quinze anos, sendo destinado, sobretudo, ao público feminino, veiculando uma grande quantidade de textos literários, o que o tornou um importante auxiliador na difusão da literatura brasileira.

Segundo John Gledson (Gledson, 2003, p. 19), o *Jornal* era “conservador, apresentando, por exemplo, ensinamentos religiosos e crônicas culinárias”. Sob esse enfoque, percebem-se certas recorrências no *Jornal das Famílias*, como, por exemplo, a descrição de figurinos da moda, inspirados em roupas europeias, especificamente nas inglesas e francesas. Esse fato revela como se buscava, em outros países, algo que não havia aqui, já que, utilizando o termo de Silva (2000), o Brasil possuía uma “identidade híbrida”, que, não sendo nenhuma das identidades originais, guardava traços dessas, e é por esse motivo que a identidade nacional detinha aspectos muito fortes das de outros países e poucos próprios.

No artigo “A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões”, Jaison Crestani (2006, p.3) analisa o periódico e conclui que se tratava de

uma publicação preocupada com a instrução moral, destinada a atender às expectativas de um público majoritariamente feminino, oferecendo-lhe – entre receitas culinárias, figurinos de moda, moldes, bordados, desenhos e assuntos de utilidade e recreio – uma literatura amena, essencialmente romântica, determinada a emocionar as leitoras e a ocupá-lhes o tempo, dissipando o tédio e “as névoas da melancolia”.

Machado de Assis deveria escrever, portanto, contos que correspondessem às expectativas das leitoras. Segundo Lúcia Miguel Pereira, o resultado foram trabalhos “inconsistentes e falsos”, ou uma

literatura amena de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade. Anedotas passadas no mundo convencional onde os desgostos amorosos são os únicos sofrimentos, onde tudo gira em torno de olhos bonitos, de suspiros, de confidências trocadas entre damas elegantes. (PEREIRA, 1955, p.135)

Já Crestani vê de forma diferente essa produção machadiana e consegue vislumbrar, nesses contos repelidos pela crítica, elementos que fariam parte do maduro Machado de Assis, aquele que escreveria uma obra-prima como “D. Benedita”. O criador das *Histórias da meia*

*noite* já estaria assumindo uma “postura subversiva” em relação aos padrões de produção estabelecidos pelo jornal, sobretudo no que diz respeito “a questões relacionadas à moralidade, às formas de relacionamento com o leitor, à tendência romântica, ao modo de caracterização das personagens e à extensão das histórias.” (CRESTANI, 2006, p. 28)

Percebe-se que nesses contos há críticas ao casamento, ao amor materno, à mulher submissa, a todos os mitos do romance romântico brasileiro. Em *A parasita azul*, conforme se verá, são bem visíveis algumas dessas características.

Para se realizar a presente análise, mostrar-se-á, primeiramente, como era o projeto romântico existente no Brasil e tentar-se-á compreender a pressão a que os escritores estavam submetidos. Sabe-se que a independência brasileira tornou urgente a afirmação da nacionalidade do novo país, e que a ex-colônia passou a nutrir uma espécie de desprezo por todo e qualquer vínculo que pudesse colocar a literatura brasileira em situação de submissão à portuguesa. A França, grande centro irradiador de cultura da época, tornou-se, conseqüentemente, fonte de inspiração para os escritores que liam e admiravam as obras de Balzac, Victor Hugo e Dumas.

Hélio Seixas Guimarães, em seu livro *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, observa que

A medida da discrepância entre o projeto de representação da nação pelo romance e sua eficácia como veículo de projeção da nacionalidade é dada pelo caso emblemático d’ *O guarani*. Frequente e generalizadamente referido como o grande romance popular brasileiro do século 19, esse talvez seja o melhor exemplo do modo como a crítica, empenhada em definir a especificidade da produção brasileira e construir os mitos literários nacionais – e os mitos da nacionalidade por meio da literatura –, encampou e endossou o projeto formulado pelos românticos de literatura extensiva, no sentido de uma literatura que abarcasse e desse conta de representar o máximo possível da paisagem e da “realidade” brasileira. (2004, p.96)

Vê-se, portanto, que os românticos buscavam a identidade por meio da fauna e flora do país. Nesse contexto, o índio se tornou o representante principal do povo, ou seja, esqueceu-se da origem mestiça desse, formado não apenas por indígenas, mas também por negros, mulatos, mestiços e europeus. Assim, percebe-se que a “realidade” brasileira, ou, melhor dizendo, a realidade imposta por uma parte da sociedade local, baseava-se na descrição da cor local e do índio, excluindo o restante. Gledson também revela, em seu artigo, que os escritores dessa época sofriam fortes pressões para escrever de “forma brasileira”. O próprio Guimarães deixa isso claro ao dizer que a crítica considerou *O Guarani* como o melhor exemplo de identidade do país, mas, nesse ponto, deve-se perguntar em que medida essa obra representaria realmente a identidade de toda a nação.

Dessa cobrança por uma “escrita brasileira”, Machado de Assis não pôde escapar, conforme mostra John Gledson: “Havia, é claro, uma pressão considerável para que os escritores contribuíssem à construção de uma literatura nacional. No começo da década de 1870, a pressão sobre Machado de Assis, com sua crescente reputação, era para escrever de uma maneira ‘brasileira’.” (GLEDSON, 2008). No conto analisado, por exemplo, há descrições da natureza no padrão seguido pelos românticos brasileiros, mas, apesar disso, pode-se indagar, analisando o modo como esses padrões são desenvolvidos ao longo da narrativa, se esse conto não seria uma resposta machadiana à essa cobrança, uma crítica velada a ela.

Para validar essa hipótese, tentar-se-á revelar a forma irônica, utilizada por Machado, para tratar dessas características. *A Parasita Azul* é um conto longo, dividido em sete capítulos, que difere de outros textos machadianos pelo fato de a estória não se passar no Rio de Janeiro, sendo, inclusive, um dos poucos em que isso acontece. Nesse conto, a estória se desenvolve parte em Paris, parte em Goiás. O conto se inicia com o retorno de Camilo Seabra ao Brasil, após oito anos morando na capital francesa, para estudar: “(...) fora estudar medicina e voltava agora com o diploma na algibeira e umas saudades no coração.” (Assis, 1997, p.3). O personagem regressa à sua pátria a pedido do pai, que ameaça não lhe enviar mais dinheiro caso não retorne. Como não havia, para o jovem Camilo, outro modo de manter a vida boemia que tinha em Paris, principalmente após a morte do padrinho, concorda em regressar, embora contrariado, ao Brasil. Quando chega à capital brasileira, na época o Rio de Janeiro, encontra um velho conhecido, Leandro Soares, que também está a caminho de Goiás. Durante a viagem, passam por várias paisagens típicas do interior brasileiro. Durante o tempo que passam juntos, Soares fala de seu amor por Isabel e Camilo se recorda da moça, ainda criança. Soares lhe conta, também, da rejeição que sofrera por parte dessa. Enquanto o trem caminha para o destino final, Camilo sente saudades do velho mundo e realiza uma comparação entre os dois lugares. A sua chegada na casa de seu pai se dá de modo festivo e, nos primeiros quinze dias depois de seu regresso, tudo ocorre tranquilamente. Porém, após esse período, o protagonista deseja voltar à Europa, sentindo-se triste ao pensar que não se adaptaria novamente à terra natal. É nesse estado de espírito que resolve conhecer Isabel pelo “...tal ou qual mistério com que se falava de Isabel...” (idem, p.20). Quando a conhece, fica impressionado com sua beleza, a qual não acreditava ser superior a da “princesa russa” por quem era apaixonado, em Paris. Logo após se conhecerem, acontece a “festa anual de Espírito Santo”, onde Camilo tem um encontro com um senhor misterioso e baixo, que lhe revela que Isabel guarda um segredo. Camilo se apaixona por Isabel, mas não compreende o motivo pelo qual é rejeitado, como foram os outros pretendentes, já que se sente superior a eles. Não sabe que essa rejeição decorria de que Isabel, quando criança, pedira a Camilo que lhe pegasse uma parasita azul, que estava nos galhos de uma árvore. Ao ver seu pedido ser atendido, Isabel passa a amar o jovem rapaz, mas não dá uma chance a ele agora, já que ela acredita que seu amor era antigo, enquanto que o do rapaz era recente. Quando Camilo descobre o amor da moça por ele, decide fazer com que ela o aceite, fingindo que irá se suicidar. Isabel, ao saber do ocorrido, desespera-se e aceita o amor de Camilo, casando-se com ele. Diante desse acontecimento, Soares se sente desrespeitado e segue para a vida política, graças a ajuda de Camilo que lhe oferece a candidatura. O filho do comendador Seabra encontra a felicidade em terras brasileiras e não mais no velho mundo.

Depois dessa breve apresentação, tentar-se-á mostrar como as características do romantismo foram utilizadas no conto machadiano e, assim, entender como se dava a busca pela identidade brasileira na época.

Deve-se lembrar que esse é o primeiro conto da coletânea de 1873, tendo sido publicado pela primeira vez em 1872, no *Jornal das Famílias*. Percebe-se, nele, a presença de fortes características românticas, embora de forma irônica. Pode-se começar a análise do conto pelo próprio título: sabe-se que a flor azul é um dos símbolos românticos, segundo Scheel “a flor representa a busca do poeta pela poesia, pela arte original.” (2010, p.28). Tem-se aqui uma flor azul, porém se trata de uma planta parasita. Assim, se, de acordo com o estudioso, a flor azul representa a busca pela arte original, pode-se imaginar se essa referência já não seria um questionamento machadiano sobre a identidade e a literatura nacional, ou seja, se essas não seriam, como a flor, parasitas, não originais. A parasita é apresentada quando se confirma o amor de Isabel por Camilo,

Um dia viu Isabel uma linda parasita azul, entre os galhos de uma árvore.

- Que bonita flor! Disse ela.

- Aposto que você a quer?

- Queria, sim... disse a menina que, sem aprender, conhecia já esse falar oblíquo e disfarçado.

O moço despiu o paletó com a sem-cerimônia de quem trata com uma criança e trepou pela árvore acima. Isabel ficou embaixo ofegante e ansiosa pelo resultado. Não tardou que o complacente moço deitasse a mão à flor e delicadamente a colhesse.

- Apanhe! Disse ele de cima. (Assis, 1997, p.36)

Antes desse episódio, sabe-se que a moça guarda “um cadáver de flor, seco, mirrado” (p.36), a espera de Camilo. Dessa maneira, pode-se questionar se Machado de Assis desejou revelar a decadência do Romantismo por meio do paralelo com a flor, símbolo da arte original, que outrora fora bela e que agora era “um cadáver (...)”. Pode-se, também, indagar se a escolha de uma parasita, ao invés de uma flor formosa, não denotaria uma possível visão machadiana de que a literatura nacional, assim como a flor, não seria mais do que um reflexo de algo, do que uma imagem pálida de um objeto original, forte e belo, no caso, das literaturas europeias, em especial da francesa. A identidade brasileira seria, portanto, parasitária? Sabe-se que a primeira fase romântica é considerada aquela que contribuiu para a formação da identidade nacional na medida em que exaltava a cor local e o índio. Mas a identidade do Brasil seria apenas essa? Ao que tudo indica, o autor fluminense utilizou o símbolo da flor, que representa a arte original, de forma subversiva; pode-se, até mesmo, acreditar que essa seria a intenção de Machado ao escrever o conto, na época. Como ele mesmo revelou em um artigo publicado também em 1873: “Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.” (Assis, 1959, p. 29).

Outro fato importante, no artigo *Instinto de Nacionalidade*, publicado em 1873, foi a revelação de como a literatura brasileira se limitava a tratar apenas da cor local: “Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião que tenho por errônea: é a de que só se reconhece o espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura” (idem, p.31). Assim, percebe-se que o autor discordava da ideia de que, para uma literatura ser brasileira, deveria tratar apenas da natureza local. Isso ficou claro quando Machado de Assis abordou os problemas sociais e a diversidade cultural, e considerou que, talvez, essas fossem características mais relevantes para representar a nacionalidade brasileira do que as que os românticos selecionaram. Sem utilizar a cor local, a literatura machadiana deixaria de ser brasileira? Obviamente que não. Constata-se, portanto, que, de forma velada, Machado desenvolveu, em suas obras, um projeto de desmistificação do romantismo.

Sob esse viés, o uso da cor local, como o feito pelo autor fluminense no segundo capítulo do conto, pode ser uma forma de o autor realizar essa desmistificação:

De quando em quando chegam em seus ouvidos urros longínquos, de alguma fera que vagueava na solidão. Outras vezes eram aves noturnas, que soltavam ao perto os seus pios tristonhos. Os grilos, e também as rãs e os sapos, formavam o coro daquela ópera do sertão, que o nosso herói admirava decerto, mas à qual preferia indubitavelmente a ópera-cômico. (Assis, 1997, p.14)

Nesse trecho consegue-se apreender a ironia existente em relação às características da natureza local, já que o protagonista “admirava decerto” os sons desta, porém “preferia

indubitavelmente a ópera-cômico”, ou seja, preferia algo europeu: o nacional era bom, mas o estrangeiro era melhor. Esse traço da personalidade brasileira se faz presente até os dias atuais. Tal interpretação se torna clara ao se recordar que Machado considerava, o romantismo brasileiro, desgastado.

Conforme foi dito, pela leitura do artigo de John Gledson (2008), sabe-se que, na época, havia uma forte pressão sob os escritores para escreverem de uma forma mais brasileira, ou seja, exaltando a cor local. Porém, Machado de Assis não parecia concordar muito com essa diretriz, de acordo com o apresentado, e, diante disso, é que se pode acreditar que o conto *A parasita azul* almejasse ser uma resposta irônica a essa cobrança.

Guimarães (2004) revela também que o projeto romântico brasileiro foi muito restrito, pois excluía as bases da cultura local. Além disso, por ter se restringido ao âmbito literário, excluiu, de sua discussão, grande parte da população do país, a qual, por ser iletrada, era incapaz de entrar em contato com esses textos:

O projeto literário de representação nacional constituía-se, portanto, com uma boa dose de miopia e mistificação e uma compreensão bastante restritiva do país: no nível da representação, excluía o escravo, segmento da população que constituía a força produtiva local; no nível da comunicação, a exclusão era ainda maior, uma vez que a atividade literária, extremamente concentrada, atingia na melhor das hipóteses poucos milhares de leitores e auditores, reduzindo o público do romance nacional a uma pequena multidão. A crítica, por sua vez, ao considerar que os hábitos e interesses de grupos restritos possam ser generalizados para toda a sociedade, encapam os mecanismos de exclusão implícitos no projeto romântico, com o qual compartilha a crença na construção nacional pela literatura. (p.101)

Indo além, nessa análise, pode-se interpretar a questão da identidade pelo enfoque dado por Bauman em seu livro “Identidade”. Partindo dessa obra, é possível analisar a questão da liquidez da identidade na situação explicitada por Guimarães, ou seja, usando as ideias daquele teórico podemos perceber que a identidade se adapta às situações e se modifica de acordo com os acontecimentos. Para Bauman (2005), não há mais uma identidade sólida, ela se altera de acordo com o contexto, como um líquido que adquire o formato do recipiente que o contém ou, em outras palavras, a identidade se adequa ao que for necessário em cada situação. Assim, como na época se buscasse ardentemente uma identidade, acabava-se preso à uma identidade europeizada, pois, embora se tentasse lhe dar um “ar brasileiro”, retornava-se aos modelos europeus.

Percebe-se que definir a identidade de um país é um tanto difícil, afinal, se é complicado definir identidades individuais, ainda mais complicado será estabelecer uma identidade que sirva a toda uma nação. Na busca por essa construção, deve-se lembrar que a formação da identidade é tanto simbólica quanto social, e que sempre existem outras identidades que lhe servem como base.

Viu-se, ao longo desse trabalho, como aconteceu a construção social e simbólica da identidade brasileira durante o Romantismo: no século XIX, no Brasil, a maior preocupação era criar uma definição própria. Analisou-se símbolos que se imaginava caros à cultura nacional, e que se acreditava serem positivos. Conforme o abordado por Silva, quando há uma identidade positiva, há também uma negativa, a qual no caso brasileiro parece decorrer de preconceitos sócio-histórico-culturais. Como os símbolos do negro e da miscigenação eram negativos, utilizou-se somente a figura do índio, porém de um índio europeizado e, portanto, mais fácil de ser aceito como herói nacional. De acordo com Hall (2000), pode-se pensar que a identidade criada no século XIX era o ponto de apego momentâneo, ou seja, que, naquele momento, essa era a melhor identidade que se poderia gerar.

Também se constatou que Machado de Assis questionava a identidade nacional criada pelos românticos, tentando mostrar que a maneira como essa escola literária se desenvolveu no país não era a mais adequada, pois valorizava aspectos que não pertenciam à cultura nacional. Por meio da ironia e da subversão do ideal romântico, Machado mostrou a necessidade de apresentar outro aspecto da sociedade. Infelizmente, porém, seu desejo parece não ter sido compreendido e, até hoje, sua primeira fase de produção de contos é considerada romântica por alguns críticos.

Aparentemente, Machado de Assis fez referências, à cor local, de forma irônica, pois, dentro do conto, de acordo com John Gledson, há a paródia de dois precursores machadianos: José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida. O fato de o escritor fluminense não acreditar que a literatura brasileira possa ser definida pela incorporação do exotismo, segundo revela o artigo *Instinto da Nacionalidade*, é um dos principais indícios de que o ponto de vista ideológico da identidade, em Machado, mesmo quando aparenta render-se à cor local, utiliza esse artifício como instrumento de desconstrução do ideário romântico. Acredita-se, portanto, que o autor se decidiu pela publicação do livro, *Histórias da meia noite*, devido a seu projeto de desmistificação do Romantismo, que poderia passar despercebido se ficasse restrito apenas ao *Jornal das Famílias*, periódico feminino e adaptado à sociedade de sua época.

#### Referências Bibliográficas:

ASSIS, M. de. A parasita azul. In: *Histórias da meia noite*. São Paulo: Globo, 1997.

ASSIS, M. de. *Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira*. São Paulo: Agir, 1959. p. 28-34: Instinto de nacionalidade.

AZEVEDO, S. M. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro*. (Tese de Doutorado), São Paulo: USP, 1990.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CRESTANI, Jaison L. “A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões”. Revista *Patrimônio e Memória*, v.2, n.1, 2006.

GLEDSON, J. “1872: ‘A parasita azul’ Ficção, nacionalismo e paródia.” In: *Cadernos de literatura brasileira*. Números 23 e 24. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUIMARÃES, H. de S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin ediotiral: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HALL, S. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, T. T. (org.), HALL, S. WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

SCHEEL, M. *Poética do romantismo: Novalis e o fragmento literário*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.